

CURSO DE ROTEIRO PARA VÍDEO ESTUDANTIL: CAPACITAÇÃO ARTÍSTICA E POÉTICA PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Eliane Candido¹

Josias Pereira

Viviane Lino

A realização de um curso de roteiro para professores possibilita a produção de vídeos e o pensar roteiros no espaço educacional. Vivemos uma realidade onde a produção de vídeo já está dentro da instituição escolar, vide o número de festivais de vídeos estudantis existentes no Brasil. Um levantamento realizado pelo Grupo de Pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil e pelo Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE) sobre os professores que produzem vídeo apresentou que, em sua maioria, mesmo sem ter base elementar para realizar este trabalho, os professores fazem vídeo no intuito de mudar a sua didática em sala de aula.

Segundo dados do CBPVE, atualmente existe no Brasil uma média de 50 festivais que aceitam vídeos feitos por estudantes. Sendo assim, se há festivais de vídeos estudantis é porque existem professores realizando vídeo nas escolas. E, se cada festival apresenta, em média, 10 vídeos concorrentes, temos por ano 500 vídeos sendo feito por alunos no espaço escolar. E quem capacitou estes professores a realizarem vídeo com os alunos? Segundo Pereira e Mattos (2017),

os cursos de licenciatura no Rio Grande do Sul não apresentam disciplinas ligadas à produção de vídeo estudantil. O mais próximo que se tem são disciplinas de tecnologia que trabalham assuntos gerais, muitas vezes, mais teóricas do que práticas.

Pensando em contribuir com esses professores iniciamos no ano de 2019 um curso totalmente *online* para que fossem capacitados, primeiro na teoria de como funciona um roteiro cinematográfico e em seguida com uma ação prática e pedagógica que poderiam realizar na sala de aula com os seus alunos. O nosso curso foi intitulado “**Roteiro para Produção de Vídeo Estudantil**” e para a sua aplicabilidade usamos o espaço institucional da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a plataforma Moodle. Criamos este curso devido o aumento dos festivais de vídeo estudantis no Brasil, mas, principalmente, a pedido de vários professores que questionavam se a UFPel teria algum curso de especialização que pudesse habilitá-los a produzirem vídeos com seus alunos. Como a criação de um curso de Pós-graduação tem uma demanda institucional mais

¹ Os autores deste artigo coordenam todas as ações do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>. Dentre elas destacamos: Grupo de Pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil, Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil, Roquette-Pinto: a revista do vídeo estudantil, Cineclube Estudantil, cursos EaD, APPs, bem como sites e redes sociais dos mesmos. Contato, através do email geral congressodevideo@gmail.com.

complexa, preferimos, então, criar este curso de roteiro com carga horária de 40h para contribuir na capacitação destes professores.

Sendo assim, o nosso grupo de pesquisa cria o curso de roteiro para professores da educação básica. Para a inscrição realizamos um questionário e enviamos para as escolas municipais que temos contato nestes 9 anos do projeto de extensão e pesquisa, bem como para os educadores cadastrados no CBPVE e, posteriormente, colocamos nas redes sociais. Inicialmente o curso teria 100 vagas, pois achamos que o grupo de pesquisa poderia se organizar melhor com este número de professores/alunos. Como na primeira semana tivemos 300 inscritos e no fim da segunda semana ultrapassamos 800 inscritos, os coordenadores preferiram aumentar o número de vagas para 300, com o objetivo de contemplar mais professores que desejavam aprender a fazer vídeo. No questionário, várias perguntas foram direcionadas para a identificação deste público alvo, porém, as últimas perguntas, objetivavam conhecer este professor, seus anseios e justificativa em fazer o curso de roteiro.

Criamos essa questão justamente para termos um material de análise sobre as dificuldades e importância do roteiro para professores da educação básica. Para nossa surpresa percebemos que muitas das justificativas eram justamente pautas de debates do grupo de pesquisa. Queríamos com esse curso, além de capacitar o professor da educação básica, saber qual a área de atuação deste educador, bem como, aumentar a organização dessa ação dentro do espaço institucional.

Análise dos Dados

Os dados utilizados na análise e seleção dos professores/alunos que se inscreveram para o curso de Roteiro para a Produção de Vídeo Estudantil foram obtidos junto ao formulário *online* (*Google Forms*) que os mesmos preencheram no ato de sua inscrição. Dentre vários quesitos perguntados, tais como, nome completo, *e-mail*, Cadastro de Pessoa Física (CPF), formação acadêmica, nível de ensino, tempo de docência, entre outros, destacamos três variáveis fundamentais para a seleção dos candidatos:

- a) justificar a participação no curso de roteiro;
- b) se já tinha realizado vídeo ou não (se sim, quantos vídeos);
- c) e em qual estado brasileiro residia.

Estes três dados foram estabelecidos pela equipe de coordenação do curso com o objetivo de contemplar alunos que tivessem uma justificativa convincente, visto que pesquisas comprovam a grande evasão nos cursos de Educação a Distância (EAD), que os professores/alunos fossem principiantes na produção de vídeo no espaço escolar e que houvesse representantes dos quatro cantos do nosso país. Desta forma, o curso iria chegar aos professores que estavam dispostos a tornar suas aulas mais dinâmicas, fazendo uso das novas tecnologias como defende Pereira e Dal Pont (2016) ao mencionarem que a produção de vídeo utiliza recursos diferentes que auxiliam na aprendizagem interativa dos estudantes, bem como multiplicar estes conhecimentos com outros profissionais da educação.

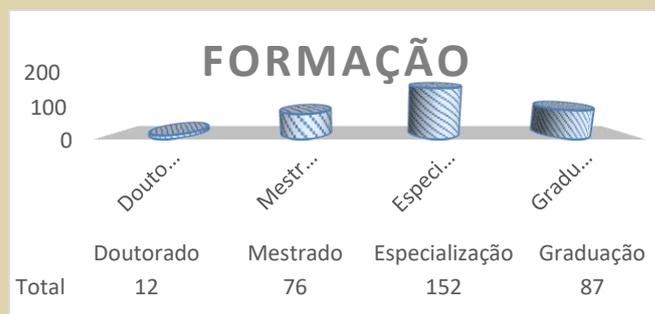
Neste estudo priorizamos uma abordagem qualitativa, porém alguns dados quantitativos se fizeram necessários para nos aproximar do objetivo do curso e para conhecer melhor os sujeitos com o qual iríamos trabalhar. Os dados qualitativos são importantes fontes de informações que, para Minayo et al (2002, p. 21), traz um “universo de significados, motivos, crenças e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Após lermos e relemos o material do formulário de inscrição e definido as prioridades na seleção dos 327 candidatos pensamos em como disponibilizar ao leitor uma visão geral do universo da amostra com a finalidade de conhecer o público alvo do curso. Sendo assim, criamos alguns gráficos e tabelas que vão ilustrar melhor a realidade do curso de Roteiro para Produção de Vídeo Estudantil (RPVE), realizado no primeiro semestre de 2019, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Quanto a formação acadêmica dos professores/alunos selecionados percebemos maior incidência na pós-graduação (Gráfico 1) em quase todas as áreas do conhecimento que, segundo definição do CNPq, são: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharia / Tecnologia, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. A única área não contemplada porque não havia nenhum inscrito foi a de Ciências Agrárias. A maioria dos graduados recai sob o curso de

Pedagogia e dos pós-graduados nas áreas de Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

Gráfico 1 – Formação acadêmica dos cursistas.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Outro dado dos professores que merece bastante relevância versa sobre o nível em que atuam na Educação Básica e o tempo de docência. A maior parte dos selecionados trabalha no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais, respectivamente) sendo que 40% possui entre 10 a 20 anos (Gráfico 2) de exercício na profissão. Isso demonstra a carência de uma formação continuada que dê conta de atualizar os professores às novas tendências contemporâneas e a preocupação que têm em aperfeiçoar a sua prática pedagógica e adequar-se aos avanços da sociedade, inclusive tecnológicos.

Gráfico 2 – Tempo de atuação na Educação.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) a formação continuada dos professores é algo imprescindível para atualização dos mesmos, sendo, portanto, uma pauta obrigatória dentro do espaço escolar. Porém, na realidade, sabemos que essas formações mal acontecem nas instituições de ensino. Por isso que o professor, muitas vezes, sai por conta própria em busca de algo atrativo aos seus olhos, do desconhecido, de algo de seu interesse ou naquilo que mais precisa de aperfeiçoamento. As mídias e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TCIs) se encontram na faixa dos cursos procurados pelo educador, seja por ser algo emergente, seja porque os estudantes vivem este momento digital. Por outro lado, o fator falta de tempo dos educadores é algo preocupante, pois ao demonstrarem vontade e necessidade de aperfeiçoamento não dispõem de tempo para a realização de cursos de atualização. Foi neste sentido que pensamos em um curso totalmente a distância que visasse atender os professores com múltiplas jornadas de trabalho, mas que desejam adquirir outras competências para tornar suas aulas mais atrativas.

Após essa visão geral dos cursistas, retornaremos aos três requisitos fundamentais para a seleção dos candidatos ao curso de RPVE, no qual priorizamos o professor que fosse iniciante na produção de vídeo estudantil, que residisse em diferentes estados brasileiros e com base na justificativa que apresentou para fazer parte do grupo de alunos do curso de RPVE. Cabe ressaltar que, para preservar a identidade dos participantes, ao citarmos algumas justificativas faremos uso da

denominação professor um, professor dois e, assim, sucessivamente, através da palavra professor seguida da numeração, por exemplo, Professor-01.

De acordo com a tabela 1 é possível constatar a abrangência do curso que teve participantes de 19 dos 27 estados brasileiros, sendo que a maior representação recorreu sob o estado do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Ficamos muito contentes com a participação de vários estados, inclusive daqueles mais distantes como Amazonas, Pará e Ceará, mas, principalmente, com representantes de todas as regiões do Brasil. Outro fator gratificante foi ler o perfil de cada aluno na plataforma Moodle e perceber a riqueza e diversidade de experiências, porém unidos pelo mesmo desejo: aprender a escrever um roteiro para produzir vídeo com seus alunos.

Tabela 1 – Participantes por estado.

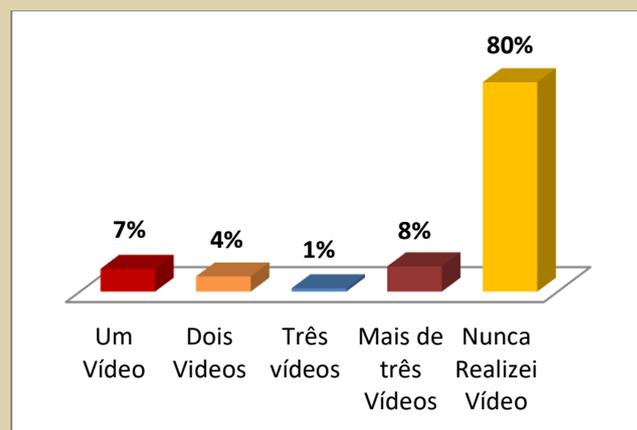
ESTADOS	ALUNOS
Alagoas	01
Amazonas	08
Bahia	60
Ceará	03
Espírito Santo	07
Goiás	01
Maranhão	05
Mato Grosso	16
Mato Grosso do Sul	01
Minas Gerais	17
Pará	13
Paraíba	03
Paraná	06
Pernambuco	24
Rio de Janeiro	83
Rio Grande do Sul	28
Santa Catarina	01
São Paulo	47
Tocantins	03
Total Geral	327

Fonte: Elaborada pelos autores, 2019.

Essa formação continuada que o professor busca é um passo muito importante para a melhoria da qualidade de suas aulas numa tentativa de resgatar o interesse dos estudantes pela escola, pelo professor e disciplina. O educador quando tem consciência de seu papel mediador no processo de aprendizagem, reconhece que a sua formação não termina na universidade, sente falta de uma formação continuada que o coloque à frente de situações desafiadoras e vai em busca de novos caminhos que deem significado ao seu fazer didático e pedagógico. Segundo Freire (1991, p. 58), “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”.

Com o intuito de contribuir para a formação na escrita de Roteiro para a Produção de Vídeo Estudantil selecionamos educadores que tinham pouca ou nenhuma experiência em fazer vídeos com seus alunos (Gráfico 3) e mesclamos com suas reflexões sobre a prática, que vinham acompanhadas do desejo de mudança ou com a finalidade de aperfeiçoar projetos que estavam apenas iniciando na instituição que trabalha. Freire (1996) faz um paralelo entre dois tipos de educadores: aquele que diz que não sabe, mas que pode e quer aprender e que ganha ao somar novos conhecimentos; e aquele que mente que sabe com receio de acharem que ele é um fracassado sem credibilidade e que perde a oportunidade de crescer.

Gráfico 3 - Educadores e a produção de vídeo realizado.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Percebe-se que 80% dos professores, ou seja, a grande maioria dos cursistas disseram nunca terem realizado sequer um vídeo no contexto escolar, mas que, mesmo assim, queriam participar do curso para aprenderem, primeiramente, a criarem um roteiro de vídeo e, posteriormente, junto aos seus alunos, colocarem esta ideia em prática utilizando as etapas de construção de um vídeo ou curta-metragem: pré-produção, produção e pós-produção. Na seção extra do curso no Moodle nós colocamos alguns vídeos com dicas de diversos professores colaboradores e apoiadores do curso de RPVE para que os professores/alunos pudessem ter uma noção de como darem continuidade as etapas de produção de vídeo estudantil.

Para finalizar este estudo vamos apontar as justificativas dos candidatos, requisito fundamental para a decisão da equipe coordenadora do curso, visto que havia quase o triplo de candidatos inscritos. Escolher um dentre outro foi uma obra de arte, pois o cruzamento das três variáveis – justificativas, produção de vídeo e o estado brasileiro em que vive – era imprescindível para chegarmos a um denominador

continuada para dar continuidade a projetos existentes na escola e/ou município, porém sentem a falta de profissionais preparados para trabalharem com a produção de vídeos com os alunos no espaço escolar. Outros expressaram a vontade de criar projetos nas suas aulas ou mesmo na instituição que leciona, em diversas áreas do conhecimento, por acreditarem que metodologias mais atrativas e condizentes com a realidade fazem parte deste contexto social, tecnológico, inclusivo, enfim com uma diversidade cultural que possa atender a todos de forma prazerosa.

Neste sentido, destacamos alguns relatos que visam ratificar o que fora discutido até o momento:

Trabalho com projetos culturais, midiáticos, literários e cinematográficos no âmbito escolar e sinto muita dificuldade ao criar roteiros adequando-os às regras dos projetos estruturantes (artístico-literários) da Secretaria de Educação, principalmente o PROVE (Produção de Vídeos Estudantis) [...] Pretendo multiplicar esse conhecimento tanto no âmbito escolar quanto na rede de professores. (PROFESSOR-01, 2019).

Trabalho na sala de leitura de 2 escolas municipais e temos projetos que visam a produção de vídeos, no entanto nenhum dos professores têm capacitação para tal. Reconhecemos o potencial de nossos alunos para a produção audiovisual e gostaríamos de apoiá-los nas suas próprias produções. (PROFESSOR-02, 2019).

O Cinema e a Educação sempre despertaram o meu interesse. Apesar de ainda não ter realizado atividades de produção de vídeo, o Cinema já está presente nas minhas aulas de Espanhol, sendo uma das artes trabalhada com os alunos. [...] o curso seria de grande valor para ampliar meus conhecimentos, seja em sala de aula ou fora dela no desenvolvimento de projetos extracurriculares. (PROFESSOR-03, 2019).

Estou desenvolvendo um projeto chamado Causos da EJA, desejo produzir vídeos no qual os sujeitos explicitem suas trajetórias e seus saberes, objetivando o empoderamento e pertencimento ao retornarem a Escola, uma vez

que trazem a marca da recente exclusão. (PROFESSOR-04, 2019).

Estou realizando um projeto na Sala de Recursos, onde o público alvo são os alunos da Educação Especial, sendo assim, a produção de vídeos com os alunos trará grande motivação no aspecto da inclusão. (PROFESSOR-05, 2019).

Este ano iniciei um projeto relacionado a criação e edição de vídeos, com um grupo de alunos surdos na escola onde leciono no município de São Bernardo do Campo e gostaria de obter uma formação direcionada a este assunto para aprimorar e qualificar minha prática. (PROFESSOR-06, 2019).

A partir dessas afirmações percebe-se que os educadores estão buscando alternativas que visam mudar o cenário de aulas tradicionais propondo a inserção das tecnologias no dia a dia da escola, ou seja, a produção de vídeos realizados pelos alunos através de projetos desenvolvidos no contexto escolar ou fora dele. Nesse sentido, Araújo (2003) defende o trabalho por projetos como uma estratégia pedagógica que propõe “a abertura para o novo; a perspectiva de uma ação voltada para o futuro, visando transformar a realidade; e a possibilidade de decisões, escolhas, apostas, riscos e incertezas.” (ARAÚJO, 2003, p. 69).

Da mesma forma eles manifestaram a falta de preparo profissional e/ou de formação específica para trabalharem as tecnologias como apoio pedagógico, fato que os levou a se inscreverem no curso justificando tal carência encontrada no universo educacional. Para Charlot (2005, p. 98) “formar é preparar para o exercício de práticas direcionadas e contextualizadas [...]”, portanto, de nada adianta uma formação continuada que não vá ao encontro dos anseios e desejo dos educadores.

Estes professores acreditam no potencial das tecnologias como uma fonte de informação e comunicação que vai além do caderno e lápis, é uma didática alternativa que envolve as relações humanas, uma aprendizagem construtiva e participativa, pautada na interação, na troca de experiências e opiniões, no respeito ao outro, entre tantos sentimentos que envolvem o ato de educar. Afinal, como já dizia Freire (1979), a educação é um ato de amor e de coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate e na participação de todos, portanto a escola é um espaço privilegiado para o ensino e a aprendizagem entre os pares.

Sendo assim, vejamos o que nossos cursistas declararam:

Tenho realizado vídeos com meus alunos, por acreditar que a autoria e o audiovisual trazem uma aprendizagem mais atraente e significativa [...] aprimorar o Projeto que desenvolvo no Instituto de Educação Rangel Pestana, com alunos do Curso Normal. (PROFESSOR-07, 2019).

Tenho um projeto, os Leitubers. Quero gravar vídeos incentivando a leitura na linguagem que eles mais utilizam. [...] Assim trabalharia a autoestima, oralidade, senso crítico e argumentação. (PROFESSOR-08, 2019).

Entender que a educação deve contribuir para a formação de alunos críticos, protagonistas e autônomos, que se vejam como produtores do próprio conhecimento e desenvolvam uma relação de pertencimento com os espaços de cultura. (PROFESSOR-13, 2019).

Desafiar os alunos a se tornarem contadores de histórias, incentivando a necessidade de compartilhar sentidos e emoções. (PROFESSOR-14, 2019).

Gostaria de aprender a elaborar vídeos para poder criar conteúdos e desenvolver projetos com alunos para mostrar a realidade da sociedade e relacionar com a disciplina que ensino, a História. Também quero que a através desses vídeos meus alunos possam ser produtores e não só receptores do ensino, que

eles percebam o potencial que têm e que são agentes históricos. (PROFESSOR-09, 2019).

Cada vez mais o mundo está aberto às novas linguagens. A escola (e o professor) deve apropriar-se delas e aproximar-se do mundo dos alunos, tornando-se mais dinâmica e estimulante. (PROFESSOR-10, 2019).

O aluno, ao ser protagonista dos seus registros, de suas produções, e percebendo na escola um lugar que incentiva e proporciona o uso das linguagens midiáticas, tende a criar um interesse e vínculo maiores com este espaço educacional. (PROFESSOR-11, 2019).

Eu teria a oportunidade de inverter a relação costumeira com os vídeos, ou seja, de meros espectadores e consumidores para efetivos realizadores e produtores. Com isto, também estaria se estimulando a autonomia dos estudantes, bem como trabalho colaborativo, através da resignificação de práticas que já realizam no cotidiano (gravar pequenos vídeos e postarem em redes sociais). (PROFESSOR-12, 2019).

Quero que os estudantes não só pensem o filme, mas façam filmes, que utilizem a linguagem da produção audiovisual para expressar seus sentimentos, angústias e seu mundo de vida. Que na era das imagens digitais eles saibam sistematizar suas ideias para usar como ferramenta de resistência e identidades infanto-juvenis. (PROFESSOR-15, 2019).

Poderíamos tecer páginas e páginas de depoimentos riquíssimos e cheios de esperanças dos professores ao justificarem a vontade de fazerem o curso de roteiro. Porém, seria inviável descrever todas as 327 justificativas dos participantes que resultaram em 9.762 palavras dispostas em frases, sentenças e parágrafos argumentativos. Tampouco foi possível contemplar todos os termos na nuvem de palavras (Figura 1), apenas ressaltamos aquelas de maior valor expressivo para representar uma compilação de concepções sobre as temáticas: vídeo estudantil, roteiro, produção, didática, aprendizagem, formação e educação.

Embora possa parecer dicotômico, mas educandos e educadores possuem desejos semelhantes, objetivam serem sujeitos melhores e almejam um mundo mais justo com oportunidades iguais para todos. Nós, seres humanos, somos agentes transformadores – por natureza – do espaço em que vivemos e, conseqüentemente, da sociedade; somos críticos, pensantes, emocionantes, enfim, somos seres sociais aprendentes e ensinantes que no convívio, na interação e na troca com o outro crescemos e produzimos conhecimentos. E a produção de vídeo estudantil pode ter essa função de colaboração entre discente e docente, mas principalmente deixando o discente como agente do seu saber como apregoa algumas teorias ocmo a da metodologia ativa que é o que a Produção de vídeo faz desde a sua gênese, deixar o aluno ativo na busca do seu aprendizado.

Referências

ARAÚJO, Ulisses F. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre. Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, Maria C. de S, DESLANDES, Suely F., NETO, Otávio C. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**. Petropolis, RJ: Vozes, 1994. 21ª ed. 2002.